

Análise pragmática do uso de partículas modais em alemão e em português: incentivo às abordagens metalinguísticas no ensino de alemão em contexto universitário

Poliana Coeli Costa Arantes

1. Introdução

As partículas modais apresentam-se como uma classe bastante complexa aos aprendizes de alemão como língua estrangeira (ALE), sobretudo por seu caráter multifuncional e por sua forte dependência ao contexto. Desse modo, muitas dessas dificuldades são observadas quando não há possibilidade de resgate do contexto das enunciações para que se entenda sua função discursiva e se produza inferências sobre a produção de sentidos dos usos das partículas modais em língua alemã.

Nesses casos, onde a referência ao contexto enunciativo é difícil de ser recuperada, as listas com significados das partículas, muito utilizadas em livros didáticos de alemão como LE, podem não ser tão eficientes, dado o caráter multifuncional que as partículas englobam. Como o tema não encontra a mesma ressonância nas gramáticas brasileiras, muito

menos nos livros didáticos de ALE, por não explorarem a dimensão contrastiva da aprendizagem de língua alemã e portuguesa e, também, por terem uma tendência a não incentivarem reflexões metalinguísticas em seus conteúdos, os aprendizes tendem a encontrar dificuldades para sistematizar a aprendizagem das partículas modais, tanto em alemão, quanto em português.

Refletindo sobre a importância que esse tipo de abordagem desempenha nos cursos de graduação em língua alemã em universidades brasileiras, é que resolvemos discutir, comparativamente, o uso das partículas modais em contextos alemães e em contextos brasileiros de uso da língua portuguesa.

Por esse motivo, buscamos fazer uma revisão na literatura para desvendar qual o papel das partículas modais nas gramáticas de língua portuguesa, já que não há consenso sobre a nomenclatura, descrição e função dessas partículas nas gramáticas prescritivas no Brasil e também em Portugal. Porém, antes de fazer essa apresentação, discutiremos como as partículas modais na língua alemã têm sido consideradas por teóricos que se dedicam ao tema. Logo após as duas seções teóricas, apresentaremos as análises contrastivas dos usos da partícula *doch* em língua alemã e em língua portuguesa, explorando de que forma a modalização possibilitada pelo uso da partícula em alemão é realizada em português.

Consideramos que essa reflexão é importante para o aluno de graduação em Letras-Alemão, principalmente por considerar que o curso de alemão realizado em contexto universitário deve se diferenciar de um curso geral de línguas por seu foco metalinguístico que prioriza a “reflexão, descrição e explicação dos fatos da linguagem” (PROJETO PEDAGÓGICO USP, 2013, s/p, apud UPHOFF, 2016) “não tendo dessa forma, como objetivo último preparar o aluno para situações comunicativas do cotidiano” (UPHOFF, 2016).

2. As partículas modais em língua alemã: percursos para o estabelecimento de uma classe

As partículas modais conquistaram espaço nas discussões teóricas dos estudos linguísticos na Alemanha, desde meados da década de 70, quando deixaram de ser consideradas como um conjunto de palavras que não se flexionam, “*unflektierte Wörter*”, graças ao interesse de muitos linguistas que passaram a reconhecer as funções comunicativas das partículas e a dar mais enfoque ao contexto em que elas aparecem.

O teor discursivo das partículas modais começou a chamar a atenção de muitos pesquisadores alemães em meados da década de 1970, quando estudos sobre os efeitos de sentido atribuídos ao uso de partículas começaram a ser desenvolvidos a partir da denominada „*kommunikativ-pragmatische Wende*“ (virada comunicativa e pragmática) na linguística. Embora não tenha sido uma corrente homogênea, vários métodos e teorias diversas surgiram: teoria dos atos de fala, análise da conversa, análise do discurso, dentre outras. Tais correntes divergentes trouxeram a emergência de fenômenos e perguntas distintas ao cenário do tratamento com partículas modais, que reconheceram a complexidade dessa temática, que buscava ir além do reconhecimento das partículas como ornamentos e adereços da linguagem. Anteriormente, as partículas ganhavam as seguintes denominações: “*Flickwörter*” (REINERS, 1944, p. 282f); “*redlose Redefüßel*” (LINDQVIST, 1961, p. 24), atestando, desse modo, a inexpressiva importância relegada a tais fenômenos em meados da década de 1940.

Assim, nos trabalhos de Krivososov (1963) e Weydt (1969), as partículas modais começaram a serem tratadas como fenômeno linguístico. A influência da corrente da pragmática, da década de 1970, com a emergência dos atos de fala, faz crescer uma tendência na linguística que passa a considerar o fenômeno das partículas modais como área de estudos, reconhecidas como „*Partikologie*“ (WEYDT, 1981, p. 46) ou „*Partikeln Linguistik*“ (HENNE, 1979, p. 132).

Em 1972, o estudo empírico publicado na obra *Kleine Deutsche Partikellehre* (WEYDT et al., 1972) desenvolveu a investigação dos efei-

tos de sentidos produzidos por frases com e sem partículas a falantes alemães. O estudo demonstrou que as partículas deixavam os diálogos mais naturais, amigáveis, calorosos, ao passo que as frases sem partículas deixavam a impressão, ao falante alemão, de aspereza e rigidez ao enunciado¹.

No ano de 1977, a Universidade Livre de Berlim deu lugar a um colóquio muito reconhecido na área dos estudos sobre as partículas alemãs, o *Kolloquium Deutsche Sprachpartikel*, sobretudo por apresentar uma diversidade grande de trabalhos em torno da discussão sobre as partículas em perspectiva interacional, argumentativa e contrastiva, como parte dos estudos em desenvolvimento na área. Esse colóquio reuniu resultados de pesquisas de mais de 120 pesquisadores da área de germanística na Alemanha, organizados por Weydt (1979) na obra *Die Partikeln der Deutschen Sprache*.

Com o desenvolvimento de muitos estudos na área, Helbig (1990) publica uma tentativa de classificar os estudos sobre as partículas modais sob quatro diferentes aspectos: morfológico, sintático, semântico e comunicativo. Através dessa caracterização, podemos observar de que modo as partículas são abordadas e compreendidas de acordo com cada perspectiva analítica em questão (HELBIG; BUSCHA, 1991, p. 476):

- i. De acordo com os aspectos morfológicos, as partículas não podem nem declinar e nem ser conjugadas²;
- ii. De acordo com aspectos sintáticos, as partículas não são componentes da frase e também não são independentes, mas estão em relação com outros elementos. Elas se diferenciam dos advérbios, pois não podem ocupar a primeira posição na frase. Nesse

1 “[...] wird der Dialog mit Abtönungspartikeln von den deutschen Testpersonen für erheblich *flüssiger, natürlicher, freundlicher, echter* und *wärmer* gehalten als Dialog B (ohne Abtönungspartikeln), während dieser eher als *kontaktschwach, hölzern* und *abweisend* beurteilt wurde. Abtönungspartikeln wirken also in dem Bereich, den man im allgemeinen als den zwischenmenschlichen bezeichnet” (WEYDT et al., 1972, p. 11-13).

2 “Unter morphologischem Aspekt sind die Partikeln weder deklinierbar noch konjugierbar oder komparierbar” (HELBIG; BUSCHA, 1991, p. 476).

caso, assemelham-se aos atributivos, mas diferenciam-se deles por não fazerem referência explícita a predicções linguísticas³;

iii. De acordo com o aspecto semântico, há partículas que determinam, especificam ou promovem gradações a uma palavra na frase. Outras, contudo, não apresentam conteúdos denotativos específicos e, assim, acabam por sinalizar os comportamentos enunciativos de seus falantes, ou seja, possuem mais valor comunicativo do que propriamente semântico⁴;

iv. De acordo com os aspectos comunicativos, as partículas expressam sutis nuances e são indicadores de comportamentos específicos de fala, de interação⁵.

A partir dos trabalhos de Doherty (1985), o aspecto semântico das partículas modais foi tratado por diversos autores, tais como Meibauer (1994); Borst (1985); Brauße (1986; 1988); Franck (1980); Helbig (1990); Helbig & Kötz (1981). Atualmente este é o aspecto mais explorado nos livros e manuais didáticos de ensino de língua alemã como LE, pois eles possibilitam que as partículas possam ser associadas a um significado, apesar do caráter multifuncional que as mesmas apresentam. Sendo assim, muitos materiais didáticos buscam trabalhar com listas de partículas e significados, o que acaba restringindo seu uso pelos aprendizes e suas possibilidades de levantar hipóteses sobre a produção de sentidos em um contexto específico.

Os trabalhos que expandem as investigações em torno das funções comunicativas das partículas, baseados em uma perspectiva prag-

3 „Unter syntaktischem Aspekt sind die Partikeln keine Satzglieder, folglich nicht allein, sondern nur zusammen mit ihrem Bezugswort im Satz verschiebbar und nicht als selbstständige Antwort auf eine Satz- oder Satzgliederfrage verwendbar“ (Ibdem).

4 „Unter semantischem Aspekt gibt es Partikeln, die ein Wort im Satz näher bestimmen, erläutern, spezifizieren oder graduieren. Jedoch gibt es Partikeln, die nahezu ohne eigentliche (denotative) Bedeutung sind, die vielmehr die Anteilnahme des Sprechens bzw. die Art der Sprechhandlung signalisieren, die also mehr kommunikativem als semantischen Wert haben“ (Ibdem).

5 „Unter kommunikativem Aspekt drücken die Partikeln oft feine Nuancen aus und sind Indikatoren für bestimmte Sprechhandlungen oder dienen dazu, die Äußerung im konversationellen Kontext zu verankern“ (Ibdem).

mática, são a nosso ver os que podem proporcionar mais chances de os alunos atuarem na aprendizagem de línguas de modo mais reflexivo e metalinguístico. Nesse sentido, nos aproximamos dos estudos de Krivonosov (1963/1977) que defende que as partículas não possuem significado lexical independente, mas um significado modal, ou seja, a capacidade de expressar os pontos de vista dos falantes. Desse modo, não podemos considerar que as partículas modais não possuem nenhum significado, mas do mesmo modo, não há como estabilizar seu significado de modo homogêneo, até porque as partículas adquirem diferentes sentidos, a depender do contexto.

Para ilustrar a dependência do contexto ao analisar a produção de sentidos em um enunciado, analisemos a atuação da partícula modal *doch* em dois contextos diferentes: i) “*Hilf mir doch bitte!*” (me ajude aí por favor!) e ii) “*Es ist doch klar, dass wir nicht nach Berlin fahren können*” (Mas é claro que você sabe que não podemos viajar para Berlim). Na primeira enunciação, a partícula *doch* se estabelece como reforço ao pedido de ajuda, ao passo que no exemplo ii, ela enfatiza que a informação dada é de conhecimento do interlocutor.

Observa-se, portanto, que em português não temos a possibilidade de expressar essas nuances de sentido com o uso de uma única partícula, pois para que o interlocutor entenda que o que o locutor vai dizer é algo que ele imagina ser de conhecimento do interlocutor, como no exemplo ii, é preciso verbalizar as enunciações, como sugerimos na tradução: “mas é claro que você sabe”. Já no exemplo i, conseguimos traduzir a frase e o efeito de sentido da partícula *doch* como reforço ao pedido enunciado, com o uso do marcador discursivo “aí”. Embora “aí” encontre-se classificado como advérbio de lugar, ele adquire função muito semelhante à das partículas modais em português, o que a nosso ver, poderia classificá-la desse modo. No entanto, nas gramáticas de língua portuguesa, não encontramos esse elemento classificado como tal, principalmente por ser um elemento característico da linguagem oral. Assim como em língua alemã, a frequência das partículas é tanto maior, quanto mais os textos se aproximam da variante oral (HELBIG & BUSCHA, 1991; WEINGARTEN, 1997; SCHÜTTE, 2000; BADER, 2002; MÖLLERING, 2003).

Por esse motivo, passaremos agora a discutir sobre o status que as denominadas partículas modais adquirem nas gramáticas de língua portuguesa.

3. As partículas modais em língua portuguesa: O que são? Como estão classificadas?

A classificação das denominadas partículas modais nos manuais e gramáticas de língua portuguesa é bastante controversa e ainda não há consenso sobre o espaço que elas deveriam ocupar nesses suportes, bem como sobre sua classificação.

De acordo com a mais nova versão da gramática luso-brasileira de Cunha e Cintra, tais palavras não possuem classificação e, com isso, não se adotam nomes específicos (CUNHA & CINTRA, 2008). Consequentemente, não há consenso no modo de nomear e de descrever esses elementos nas gramáticas prescritivas da língua. Primeiro porque se caracteriza como um fenômeno da variante oral; segundo porque não são tão numerosas e, finalmente, porque não podem ser analisadas sem o contexto em que se realizam (FRANCO, 1991).

Por esse motivo a classificação dessas palavras é tão diversificada em português. Cunha e Cintra (2008, p. 567) as denominam “palavras denotativas”:

Como vemos, tais palavras não devem ser incluídas entre os advérbios. Não modificam o verbo, nem o adjetivo, nem outro advérbio. São por vezes de classificação extremamente difícil. Por isso, na análise, convém dizer apenas: ‘palavra ou locução denotadora de exclusão, de realce, de retificação’, etc.

Ainda segundo Cunha e Cintra, a Nomenclatura Gramatical Portuguesa admite a existência dos “advérbios de exclusão e de inclusão” e considera “advérbios de oração” o que os autores denominam “palavras denotativas de situação”.

A nomenclatura adotada por Cunha e Cintra “palavras denotativas” foi apontada por Oiticica (1942) pela primeira vez em seu *Manual de análise (léxica e sintática)*. Observa-se, portanto, uma tentativa de classificar tais palavras diferenciando-as dos advérbios, pois elas não carregariam as mesmas características dos advérbios. No entanto, Cunha e Cintra admitem que a designação fora adotada provisoriamente “à falta de uma designação mais precisa e mais generalizada” (*Idem*), embora reconheçam que “denotar” seja próprio das unidades lexicais em geral.

Tais controvérsias nos remontam às gramáticas portuguesas do século XV, bastante influenciadas pela tradição greco-latina, assim como na maioria dos países da Europa ocidental. Aristóteles fundou uma tradição gramatical, que influenciou também o modelo de Dionísio da Trácia, estabelecendo um complexo sistema de *orationis* definido por oito partes: nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção. Assim, grande parte das partículas modais, nomeadas interjeições, foram consideradas como parte da categoria dos advérbios, para os gregos.

Os latinos, no entanto, não concordavam com tal classificação, principalmente porque tais palavras poderiam aparecer em frases sem verbo. Apolônio Díscolo, precursor dos estudos sobre sintaxe como núcleo das análises linguísticas, afirma que “interjeições são ‘advérbios no sentido impróprio’” (APOLÔNIO DÍSCOLO [s.d.] apud GONÇALVES, 2002, p. 48). A seguir, os latinos procuram atribuir às interjeições estatuto próprio, independente da categoria dos advérbios.

Varrão foi então o primeiro latino a discorrer sobre uma “teoria da interjeição” que já supunha uma “análise de tipo funcional das partes do discurso” (HOLTZ [s.d.] apud GONÇALVES, 2002, p. 50). Esse teórico, cuja obra só nos foi possível conhecer através de Carísio, foi o responsável por denominar tais palavras como *partícula interiecta*, que demonstrava ser partícula discursiva de uma emoção forte (*pathos*) (CAIXETA, 2014).

Segundo Franco (1991), algumas gramáticas começaram a adotar o termo “partículas” como conceito supra-ordenado que se reporta a realidades diversas, como encontrado na *Grammatica philosophica da*

língua portuguesa ou princípios da grammatica geral applicados á nossa linguagem de autoria de J. S. Barbosa (1866) e, posteriormente os termos “partículas de realce” em A. B. S. Martins e J. D. Azevedo (1899), “partículas expletivas” em A. A. Gomes (1913). Tais classificações, apesar de considerarem a carga funcional-comunicativa dessas partículas, ainda demonstram, porém, que o critério de classificação dessas palavras continua sendo pautado no morfológico, ou seja, aquele baseado nas características invariáveis, ou inflexivas.

Sendo assim, Franco (1991) afirma que duas circunstâncias contribuíram para que as partículas expletivas fossem progressivamente preteridas nas gramáticas portuguesas ao longo do tempo. A primeira foi a orientação lógico-semântica dos modistas, que restringiam seus estudos da filosofia da palavra a questionamentos sobre o *modus significanti*. Para os modistas, que projetam até os séculos XVII e XVIII a concepção de gramática universal,

o que fazia de uma palavra uma parte do discurso era o seu duplo aspecto de *vox* e de *conceptus*, e as “*expletivae*”, cuja função se devia procurar antes no domínio da “performance”, não se prestavam a uma análise lógica, encontrando-se, por conseguinte, em boa posição para merecerem pouca ou nenhuma atenção (FRANCO, 1991, p. 177).

A segunda razão teria suas bases nos preceitos aristotélicos de teoria gramatical, baseado na tríade caso (nome, artigo, pronome), modo (verbo) e palavras inflexivas que apresentam ausência de caso e modo (preposições, conectores, interjeições, etc.). A partir dessa classificação tricotômica, que ainda encontra-se nas bases de gramáticas normativas de língua portuguesa, as partículas expletivas acabaram tornando-se elementos da terceira classe de classificação apresentada acima, o que não possibilitou que ela tivesse independência e fosse analisada separadamente.

Sendo assim, a conjugação dos três aspectos supracitados influenciou sobremaneira a constituição de dois grupos de palavras que os portugueses normalmente distinguem, por meio de um critério morfológico: o das variáveis ou flexivas e o das invariáveis ou inflexivas.

No entanto, uma série de contra-argumentos determina que as partículas modais não podem ser classificadas sob a mesma condição dos advérbios, não só porque não modificam o verbo ou outro advérbio, mas também porque, ao contrário dos advérbios, não são substituíveis por outras unidades e entendem-se como um elemento da frase tomado em sua globalidade, não como parte de sua estrutura sintática (FRANCO, 1991).

Finalmente, as partículas modais não são susceptíveis de serem ligadas por conjunção coordenativa e, ao contrário dos advérbios, não podem, por si só, constituir respostas a frases interrogativas totais. Observa-se, portanto, que as partículas modais apresentam diferenças determinantes para não pertencer à mesma classe de palavras inflexivas, como a dos advérbios nas gramáticas formais.

É por esse motivo que nos interessam mais os estudos que reconhecem as funções comunicativas e pragmáticas das partículas modais em seus contextos de enunciação. Assim, algumas gramáticas e estudiosos funcionalistas já estabelecem às partículas modais classificações mais próximas dessa realidade, tais como Fraser (1990), Neves (1999), Castilho (2010), dentre outros, que categorizaram as partículas como “marcadores discursivos”. Outros teóricos, tais como Figueiredo (2011), desenvolveram a análise dos modalizadores através de categorias e conceitos da linguística sistêmico-funcional.

Os trabalhos que pretendem investigar as funções comunicativas das partículas tomaram como ponto de partida os estudos da pragmática. Desse modo, muitos são aqueles que utilizam os atos de fala e seus componentes ilocucionários para analisar os enunciados contextualizados. Essa é a perspectiva teórica que utilizaremos para propor a análise contrastiva do uso de partículas modais em alemão e em português no ensino de línguas em contexto universitário.

4. Análise contrastiva do uso de partículas modais em alemão e em português

De acordo com Möllering (2003), os aprendizes de alemão como LE devem ser expostos à utilização das partículas modais para que sejam

incentivados à aprendizagem indutiva por meio do acesso ao contexto de enunciação em situações de fala, sobretudo pelo fato de que essas partículas apareçam com maior frequência na língua falada. Do mesmo modo, Rösler (1972) afirma que para que o tema seja introduzido em sala de aula, é preciso que este ambiente esteja propício para garantir a interação emocional dos alunos. Nesse sentido, mais uma vez atestamos a necessidade da recuperação do contexto das situações comunicativas de uso das partículas modais para incentivar um processo de aprendizagem indutivo e metalinguístico.

Segundo Schröder (2008), para explicar sobre o processo de comunicação válida para qualquer situação na qual pelo menos dois indivíduos participam, Ungeheuer introduz os termos ação interior e ação exterior, dirigindo-se às condições antropológicas do ser humano: pessoas realizam experiências interiores e exteriores. Enquanto os últimos também são acessíveis a outros, os primeiros, como, por exemplo, percepções, sentimentos, conhecimento, apenas podem ser experimentados subjetivamente. “Para o processo de comunicação, isto significa a necessidade de uma transformação de ações interiores em ações exteriores, o que automaticamente representa um procedimento elíptico” (SCHRÖDER, 2008, p. 41-42).

Infelizmente os livros didáticos de ensino de alemão como língua estrangeira (ALE) pouco ou nada contribuem para o incentivo à aprendizagem reflexiva, metalinguística e situacional. Apesar de terem demonstrado avanços nos componentes multimodais e de se autointitular “comunicativos”, a maioria dos materiais didáticos de ALE reproduz estruturas conteudistas e progressões gramaticais de muitos de seus métodos antecessores.

Para ilustrar nosso questionamento, selecionamos alguns materiais didáticos⁶ utilizados no ensino superior nos cursos de graduação em língua alemã, cujo conteúdo analisado foi a abordagem das partí-

6 Os materiais que fizeram parte da amostra foram *DaF kompakt* (BRAUN, 2011), *Menschen, Studio d* (FUNK; KUHN; DEMME, 2009), *Klipp und Klar* (FANDRYCH; TALLOWITZ, 2000), *Alemão urgente para brasileiros* (BRAATZ; SCHUMACHER, 2001).

culas modais. Nesses livros e materiais paradidáticos não encontramos qualquer referência à sensibilização dos alunos para o componente metalinguístico, sobretudo porque são direcionados a um público bastante diferente do universitário, e muito distantes da realidade social brasileira.

Assim, consideramos importante que o ensino de ALE no contexto universitário incentive as abordagens metalinguísticas para o ensino de línguas, pois refletir sobre sua língua materna é abrir possibilidades para compreender melhor os processos linguístico-discursivos na língua estrangeira. Além disso, incentivamos também o uso de *corpora* autênticos, pois o uso de *corpora* oriundos de falas de falantes nativos tem muitas vantagens em relação à autenticidade, já que apresentam potencial de salientar padrões e maior facilidade de identificar recursos comunicativos mais realistas e expressivos em sua descrição de língua (CONNOR; UPTON, 2004, p. 252).

Em virtude da virada comunicativa e pragmática nos estudos linguísticos (HELBIG, 1988), as partículas modais têm se tornado, cada vez mais, objeto de pesquisas, sobretudo as pesquisas contrastivas têm sido incentivadas (HEGGELUND, 2001). Observa-se um aumento no número de pesquisas que se dedicam a abordagens contrastivas português-alemão nos últimos anos, como podemos citar os estudos de Franco (1987, 1991), Manoel (1997), Welker (2004), Souza (2008), Aquino & Schröder (2012), Arantes (2016 – no prelo), dentre outros.

Os aspectos pesquisados vão de análises gerais sobre problemas de tradução, funções pragmáticas, semânticas e sintáticas de partículas específicas e sua comparação com o português, a comportamento conversacional da modalidade nas duas línguas e o uso de partículas modais em aulas de alemão como LE no contexto brasileiro. Tais pesquisas apresentam interessantes discussões e resultados relevantes para as análises das funções comunicativas da língua, sobretudo com auxílio da pragmática e da teoria dos atos de fala (AUSTIN, 1962/2005; SEARLE, 1969), com as abordagens da sociolinguística interacionista e pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982), entonação, prosódia (KRIVONOSOV, 1963/1977; HEGGELUNG, 2011).

Partindo-se desses estudos buscaremos apresentar uma abordagem que ultrapasse a noção conceitual de função ilocutiva dos atos

de fala (AUSTIN, 1962/2005; SEARLE, 1969) por defendermos que as funções comunicativas dos atos de fala não estão somente relacionadas aos posicionamentos dos parceiros de fala, mas encontram-se também muito ligadas à produção de sentido que se desenvolve em interação e, sobretudo, ao “não-dito” (DUCROT, 1968/1987).

Adotando-se essa perspectiva discursiva da produção de sentidos, conceitos, questionamentos e tendências serão ilustradas por meio de parte dos exemplos selecionados como corpus da presente pesquisa. Adicionalmente, conceitos e teorias semântico-pragmáticas e aspectos de análise conversacional também serão utilizados. No entanto, adotaremos como ponto de partida que a realização de atos ilocucionários é secundária, pois encontram-se em realidades polifônicas e dialógicas (BAKHTIN, 2011). Sendo assim, os atos de fala relacionam-se não só aos interesses do que se pretende comunicar, mas também busca realizar uma metarreferência da linguagem (DUCROT, 1987, p. 9).

Adotando-se esse ponto de vista, apresentaremos análises realizadas a partir de uma seleção de enunciados autênticos retirados do banco de dados de Mannheim do alemão falado (*Datenbank für Gesprochenes Deutsch Mannheim*). Foram investigadas as relações entre elementos explícitos de sentido e não explícitos por meio de abordagem pragmática. Simultaneamente tentaremos traduzir os enunciados para o português e discutiremos sobre os problemas e impasses encontrados na tradução e de que modo essa discussão poderia ser importante para os alunos.

O banco de dados do alemão falado oferece acesso aos corpora por meio da seleção de uma palavra-chave. Assim, escolhemos analisar neste artigo, dois enunciados que continham a partícula modal *doch*. A vantagem desse banco de dados é que os enunciados são sempre contextualizados por meio da disponibilização das seguintes informações: quem disse, para quem disse, onde e em que situação.

O primeiro exemplo a ser analisado é o de um diálogo de uma mãe com seu filho. A mãe lê um conto de fadas para o filho e faz algumas intervenções durante a leitura, interagindo com a criança.

Audiodatei: FOLK_E_00002_SE_01_T_01_DF_01_c182.wav
 [Doppelklick] - Audio an der betreffenden Stelle abspielen / [Einfacher Klick] Audio anhalten

0179	(1.09)
0180	CJ un willi fallen die augen zu
0181	TJ ((schlürft, 0.6s))
0182	CJ ((macht Schnarchgeräusche, 2.4s)) jetzt is er doch eingeschlaf der willi gell
0183	(0.25)
0184	TJ ja_a
0185	(0.53)

Quelle: Datenbank für Gesprochenes Deutsch [DGD], IDS Mannheim, [http://dgd.ids-mannheim.de], 2015-07-20T21:01:23.589+02:00, Transkript FOLK_E_00002_SE_01_T_01_DF_01_00:04:31.14-00:04:39.73

Figura 1: Diálogo entre mãe e filho

Para traduzir o enunciado “*jetzt is er doch eingeschlaf der willi gell*”, precisaríamos entender o contexto de realização da partícula modal. De acordo com Helbig & Buscha (1991, p. 491-492), a partícula *doch* pode conter mais de seis significados diferentes. O que mais se encaixaria para o contexto acima descrito seria o seguinte:

Doch₁ (unbetont) in Aussagesätzen drückt eine Bestätigung (= wirklich, tatsächlich) aus, die der Spracher auf den Hörer zu übertragen versucht, der dadurch die gleiche Einstellung wie der Sprecher zu dem Gesagten einnehmen soll. Es handelt sich also illokutiv um eine Aufforderung an den Hörer zur Zustimmung (HELBIG; BUSCHA, 1991, p. 491).

Explorando com os alunos as pistas de contextualização (GUMPERZ, 1982) que os enunciados do exemplo 1 nos fornecem, podemos construir o sentido do uso da partícula coletivamente, sobretudo analisando a presença dos elementos onomatopéicos (som do ronco) e das imagens evocadas (Willi fecha os olhos) presentes na enunciação da mãe, que contribuem para o entendimento de que o enunciado da mãe procura convencer o filho de que a personagem do conto de fadas teria mesmo dormido. Outro recurso discursivo que atesta que a pergunta da mãe já admite uma possível concordância do filho, é o uso do

marcador discursivo “*gell*”, muito utilizado no sul da Alemanha, que corresponderia aos marcadores da variante padrão “*nicht wahr*” (Não é verdade?) ou ao “*gilt es*” (não é isso?). Assim como em português, seu uso marca uma pergunta retórica, pois o falante está praticamente certo de que seu interlocutor concorda com o conteúdo de sua pergunta. Levantando-se as pistas de contextualização e estimulando os alunos a analisarem o contexto e as enunciações por meio de uma abordagem contrastiva, é possível que eles próprios formulem os significados discursivos do uso das partículas em situação de comunicação. Em seguida, sugere-se que os mesmos pensem em uma tradução possível do enunciado para o português, partindo-se assim, do conhecimento de mundo e da memória discursiva (MAINGUENEAU, 1997) que os alunos trazem consigo.

Em português, uma possível tradução para a partícula modal em destaque no enunciado anterior poderia ser “mesmo”: “Agora o Willi tá dormindo mesmo, né?!” Na linguagem falada, poderia ocorrer uma topicalização diferente: “Agora tá dormindo mesmo o Willi, né?!”, já que a variante escrita preza mais pela ordem SVO⁷.

Vê-se, portanto, que apostar em dinâmicas de aprendizagem reflexiva e buscando trabalhar com a memória discursiva dos alunos em sua língua materna, parece ser um movimento importante para o trabalho autônomo dos alunos em sala de aula.

O segundo e último exemplo a ser analisado tem lugar em um ambiente acadêmico de discussão de grupo sobre avaliação de um curso em uma universidade.

7 Sujeito-Verbo-Objeto

Audiodatei: FOLK_E_00003_SE_01_T_01_DF_01_c486.wav
 [Doppelklick] - Audio an der betreffenden Stelle abspielen / [Einfacher Klick] Audio anhalten

0483 JS [richtig]
 0484 JS ja
 0485 (0.39)
 0486 DM dem lerner vielleicht **doch** nich so bewusst war wie er selbst gedacht hat [aber er geht ja davon aus 'h dass wenn der lerner selbst mitkriegt 'h dass da was falsch is]
 0487 JS [okay]
 0488 (0.45)
 0489 DM dass er dann (,) eher (,) also

Quelle: Datenbank für Gesprochenes Deutsch [DGD], IDS Mannheim, [http://dgd.ids-mannheim.de], 2015-07-20T12:14:32:974+02:00, Transkript FOLK_E_00003_SE_01_T_01_DF_01,00 16 25 88 - 00 16 40 86

Figura 2: Diálogo sobre avaliação de curso em uma universidade

A enunciação com o uso da partícula modal *doch* é marcada por sentido adversativo, pois produz uma relação adversativa entre a interpretação do falante sobre o comportamento do aprendiz “*es war ihm nich so bewusst*” (Para ele isso não estava tão consciente) e o que fora comunicado por ele “*wie er selbst gedacht hat*” (como ele próprio achou [que teria sido consciente]).

Para expressar tal sentido adversativo em português tentando-se traduzir o mesmo enunciado, teríamos que utilizar o advérbio de modo “assim” e marcar, acentuadamente, a pronúncia de tão= “so”: tÃÃo. Repare que em português a entonação pode contribuir para enfatizar o sentido adversativo do enunciado: “talvez para ele isso não estava assim tÃÃo consciente como ele próprio achou que estivesse”.

A classificação de “assim” na maioria das gramáticas de língua portuguesa está entre os advérbios. No entanto, observamos que a função do “assim” na frase acima não está modificando o verbo, nem outro advérbio, mas está provocando uma contestação ao estado da terceira pessoa: “estar consciente”. Alguns trabalhos funcionalistas ou de vertente pragmática já avançaram mais nesses estudos e atribuem a palavras como essas papéis discursivos importantes para a estabilização da coesão textual. Sendo assim, são considerados “operadores transfrásticos”, para uma tradição de análise textual, “marcadores discursivos” ou “pistas

discursivas”, para uma tradição mais discursiva-funcionalista, “operadores argumentativos”, para uma tradição argumentativa (AZEREDO, 1990; CAVALIERI, 1990; MARTELOTTA, 2004).

Tal problematização sobre a classificação de elementos nas gramáticas e manuais didáticos e, conseqüentemente, o contato com outras teorias, possibilita ao aluno conhecer os limites e restrições de cada abordagem teórica, levando-o a analisar criticamente os materiais de apoio consultados e a empoderá-lo para que reúna condições teóricas e metodológicas que o capacitem a realizar tais análises críticas sobre o material escolhido e sobre as escolhas do material que fará como profissional do ensino.

5. Considerações finais

A presente pesquisa procurou fazer uma revisão na literatura sobre partículas modais em gramáticas de língua portuguesa e demonstrou, a partir dos materiais consultados, que as partículas modais ainda não receberam tanta atenção nesses suportes e, principalmente, sua classificação ainda é alvo de muitas controvérsias entre os estudiosos que abordam uma perspectiva funcionalista-discursiva da língua e os gramáticos, que mantém uma concepção normativa e prescritiva da língua ainda baseada nos modelos das gramáticas greco-latinas do século XV. Entretanto, vimos que os estudos sobre as partículas modais alemãs avançaram muito mais do que os estudos desse fenômeno em língua portuguesa, pois nas gramáticas alemãs as partículas possuem status reconhecido, sobretudo a partir dos estudos funcionalistas e pragmáticos dos anos 1970.

Encontramos, nas gramáticas de língua portuguesa, diferentes classificações para as partículas modais, tais como: “advérbios”, “interjeições”, “palavras denotativas”, “marcadores discursivos”, “operadores discursivos”, dentre outras. O que se observa, desse modo, é que a dificuldade em caracterizá-las fora de seu contexto situacional é que tem sido o principal obstáculo para se determinar as produções de sentidos multilinguísticas que as mesmas incitam, a depender da contextualiza-

ção. Os estudos funcionalistas e de orientação discursiva e pragmática é que têm se aproximado mais da definição de partícula modal identificada nas gramáticas alemãs, pois retomam a função comunicativa das mesmas.

Consideramos, portanto, ser de extrema importância a discussão feita sobre o papel, as funções e as características das partículas modais em perspectiva discursiva e contrastiva, alemão-português, e vimos atestar a relevância de incentivar tais discussões metalinguísticas no contexto de ensino/aprendizagem de língua alemã nos cursos de alemão nas universidades brasileiras.

Como pudemos atestar por meio de nossa análise contrastiva e das tentativas de traduzir os enunciados escolhidos como *corpus* desta pesquisa, nem sempre utilizamos uma partícula específica para modalizar algo. Muitas vezes a entonação é suficiente para percebermos a modalização que o sujeito comunica a seus interlocutores. Outro ponto interessante que a nosso ver deveria ser mais considerado nos estudos gramaticais em língua portuguesa, é o fato de as partículas modais desempenharem uma função anafórica, de relação entre um ato de fala e uma situação anterior, ao ato de fala em que respectivamente ocorrem, o que faz delas uma espécie de conectivos conversacionais (FRANCO, 1991).

Finalmente, observa-se a necessidade de que mais estudos nessa área sejam incentivados, para que as partículas modais possam ganhar cada vez mais espaço nas gramáticas e manuais de língua portuguesa.

Referências bibliográficas

AQUINO, M. *A função dinâmica das partículas modais alemãs doch e ja no ensino de línguas*. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da UFMG. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

ALMEIDA, N. M. de. *Gramática metódica da língua portuguesa*. 40. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

ARANTES, P.C.C. *Eine pragmatische Gebrauchsanalyse der Modalpartikeln im deutsch-portugiesischen Vergleich* (no prelo).

- AUSTIN, J. L. *How to do things with words*. 2. ed. Cambridge: Harvard University Press, 2005.
- AZEREDO, J. C. de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- BADER, J. Schriftlichkeit und Mündlichkeit in der Chat-Kommunikation. *Network*, n. 27, 2002. Disponível em <<http://www.mediensprache.net/neworx/network-27.pdf>>.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2001.
- BRAUN, B. et al. *DaF kompakt A1-B1. Deutsch als Fremdsprache für Erwachsene*. Stuttgart: Klett, 2011.
- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CAVALIERE, R. *Os marginais do discurso: estudo das palavras denotativas, expressões de realce e termos afins*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- CRYSTAL, D. *Linguistics*. Harmondsworth: Penguin Books, 1971.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- FANDRYCH, T; TALLOWITZ, U. *Klipp und Klar. Übungsgrammatik Grundstufe Deutsch*. Stuttgart: Klett Verlag, 2000.
- FRANCO, A. *Partículas Modais do Português*. Porto: FLUP, 1990.
- _____. *Descrição linguística das partículas modais no português e no alemão*. Coimbra: Coimbra Editora, 1991.
- FRASER, B. An approach to discourse markers. *Journal of Pragmatics*, v. 14, 1990.
- GONÇALVES, M. *A interjeição em português: contributo para uma abordagem em semântica discursiva*. Coimbra: FCG/FCT, 2002.
- HELBIG, G. *Lexikon deutscher Partikeln*. Leipzig: Verlag Enzyklopädie, v. 2, 1990.

- _____; BUSCHA, J. *Deutsche Grammatik: Ein Handbuch für den Ausländerunterricht*. Leipzig; Berlin: Verlag Enzyklopädie, 1991.
- KÖLLER, W. *Perspektivität und Sprache: zur Struktur von Objektivierungsformen in Bildern, im Denken und in der Sprache*. Berlin: De Gruyter, 2004.
- LAGE, J. G. *Novissima Grammatica Portugueza*. Livraria Portugueza e Extrangeira do editor Manoel de Almeida Cabral, 1887.
- MANOEL, C. *As partículas modais alemãs: uma exemplificação com doch*. Dissertação de mestrado – FFLCH/USP, São Paulo, 1997.
- NEVES, M. H. M. *Gramática do português falado*, v. VII. São Paulo/Campinas: Humanitas, Editora da Unicamp, 1999.
- MELO, Gladstone Chaves de. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- MÖLLERING, M. Teaching German modal particles: a corpus-based approach. *Language, Learning & Technology*, v. 5, 2003.
- OITICICA, J. *Manual de análise (léxica e sintática)*. Rio de Janeiro, 1942.
- OLIVEIRA, J. B. de. *Nova Grammatica Portugueza*. Livraria de J. Augusto Orsel. Coimbra, 1883.
- SAID ALI, M. *Meios de expressão e alterações semânticas*. 3. ed. rev. Rio de Janeiro: FGV, 1971.
- SEARLE, J. *Speech acts*. Cambridge: CUP, 1969.
- SCHÜTTE, W. Sprachentwicklung und Kommunikationsformen in den interaktiven Diensten des Internet. In: HOFFMANN, H. (org.). *Deutsch global-neue Medien – Herausforderungen für die deutsche Sprache?* Köln: DuMont, 2000, p. 77-95.
- UPHOFF, Dörthe. Prática como componente curricular nas disciplinas de língua da habilitação em Letras/Alemão: alguma novidade? In: GALLE, H. P. E; PEREIRA, V. S. *Anais do 1º Congresso da Associação Brasileira de Estudos Germanísticos (ABEG)*. São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2016, p. 294–301. Disponível em: <http://germanistik-brasil.org.br/?page_id=806> (Acesso em: 03.07.2016).
- WEINGARTEN, R. (org.). *Sprachwandel durch Computer*. Opladen: Westdeutscher Verlag, 1997.

WEYDT, H.; HARDEN, Th.; HENTSCHEL, E.; RÖSLER, D. *Kleine deutsche Partikellehre*. Stuttgart: Ernst Klett, 1972.

_____. *Abtönungspartikeln: Die deutschen Modalwörter und ihre französischen Entsprechungen*. Bad Homburg: Gehlen, 1969.

